

também estavam ligadas a rizomas. Estas raízes aéreas são metáforas de fios eletrónicos aéreos que conduzem os dados da *motherboard* até aos seus organismos, que na realidade eram representados por cogumelos secos e ressequidos. Estes inseriam-se em frascos de vidro mais pequenos que continham água, onde se alimentavam desta por meio de fios eletrónicos (fig. 37).

Esta escultura resulta dos estudos sobre o ar, realizados na Avenida Delfim Moreira (capítulo Leblon – Dois Irmãos). A complexidade desta máquina fictícia exige uma hierarquia que se constitui por um centro, um órgão mais alto, e outros órgãos que estão mais abaixo. Dentro deste simulacro, é o órgão mais alto deste aparelho (o frasco com o ventilador) que decide como é que a ventilação se transfere até aos outros elementos (frascos com cogumelos) que precisam desta para se alimentar e é no motor central (*motherboard*) que toda a informação é controlada. De fora, o espectador pode ver o funcionamento da máquina como um círculo que vai passando a energia sempre pelo mesmo sentido, mas neste círculo existem partes com diferentes dimensões e medidas. Ou seja, como no Leblon observei que a terra estava fracionada mas que todas essas frações recebiam as mesmas ordens com o mesmo conteúdo sem distinção, tal facto inspirou-me para inventar uma “máquina do ar” que contivesse uma estrutura com a mesma política: ela era constituída por componentes de diversos tamanhos e significados, embora se ligassem todos a um componente maior que lidava com a gestão destes como se todos fossem iguais. Influenciada pelo meu percurso em que adquiri todas estas ideias, pensei numa máquina que enviaria os seus dados eletrónicos desde um ponto alto para os elementos que estavam posicionados abaixo de si.

Esta escultura que se apresenta como uma metáfora dos fatores meteorológicos ligados à atmosfera da cidade abre uma nova possibilidade de ficção: a partir daqui podemos imaginar que esta máquina, dentro deste lugar imaginário, é a responsável pelo sistema de fabricação de nuvens, chuva, vento, ar, geada, etc. Ou seja, tudo o que nasce dentro do espaço atmosférico da cidade é produzido por esta máquina.

Apesar de a água ser um elemento evidente nesta máquina, a cidade fictícia continha uma outra máquina que produzia a maior parte do processamento deste elemento. Esta encontrava-se posicionada na terceira mesa. Aqui encontramos outra vez a presença da cartografia (fig. 38). Os mapas que foram criados a partir da tempestade do dia 5 de Março encontram-se agora integrados nesta máquina que

imaginariamente é a agente da distribuição de todos os fenómenos da cidade relacionados com a água. Cada mapa liga-se ao seu respetivo motor, sendo que o mecanismo estava dividido em cinco secções. Dentro do sistema ficcional deste, cada secção gere internamente a informação dada por cada relâmpago cartografado, alinhando-se verticalmente sobre a mesa. Os mapas estendem-se na horizontal e estão unidos a dispositivos que conduzem fios de cobre desde os mapas até a tubos de ensaio que guardam pedaços de betão armado. Por sua vez estes estão introduzidos dentro de garrafas de acrílico transparentes que contêm uma porção de água em alturas diferentes (fig. 39). Analisando de perto estes desenhos, confere-se um relacionamento entre a sua linguagem gráfica e a composição dos seus motores. Nos mapas, o concreto identifica-se a vermelho, a mesma cor das tampas dos tubos de ensaio. Não só por esta razão, mas também por estes tubos conterem lá dentro pedras de cimento, ao que a nossa percepção intui que estes dois elementos contêm o mesmo significado. Também a água contida nos frascos apresenta a mesma medida de líquido daquela que está representada na área dos relâmpagos. O cálculo para esta medida pode não ser válido no mundo lógico e convencional mas dentro da realidade da cidade imaginária, esta matemática é fundamentada e fiável.

Colocada na mesa do fundo da galeria, estava exposta a “máquina do fogo” (fig. 40). Para a execução desta houve uma grande influência das histórias que ouvi e li sobre as secas, e também por outro lado, as minhas reações diárias ao sol e à maneira como ele me afetava o quotidiano. Esta escultura também adotou uma espécie de motor central que se ligava a outros componentes de tamanho inferior, tal como na “máquina do ar”. No entanto, esta adquiriu uma arquitetura mais simples e linear, o desenho desta pode ser definido como uma linha horizontal como a “máquina da água”. No lado esquerdo da peça encontrava-se um frasco de vidro transparente que continha lá dentro um motor de aquecimento retirado de um secador de cabelo. Esta peça constituía-se por uma armação de ferro que prendia o motor às bordas do frasco, e por uma pequena hélice quebrada. No fundo do frasco encontravam-se alguns grãos de terra seca. Na parte de cima do dispositivo, um cabo electrónico saía deste e ligava-se a um dispositivo que comportava dois botões, um de acionamento e outro de desligamento. É neste ponto que se encontravam as conexões (por meio de fios electrónicos também) a quatro tubos de acrílico que continham fragmentos de tijolo. Os fios electrónicos estavam colados a estes tijolos como se se conectassem eletronicamente a estes, de modo que o espectador podia vê-los como